

PROCESSOS DE COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES: ENFOQUES FUNCIONALISTAS E GRAMATICALIZAÇÃO

*Maria Luiza Braga**

RESUMO

Neste trabalho, investigo os processos de vinculação de orações. Inicialmente considero as propostas tipológicas apresentadas por Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988) e Foley and Van Valin Jr. (1984). Identifico os critérios que sustentam essas classificações e mostro como são reinterpretados por Hopper e Traugott (1993), à luz dos estudos sobre gramaticalização.

Palavras-chave: Funcionalismo; Combinação de orações; Gramaticalização.

Os lingüistas de orientação funcionalista, ao investigarem os processos de articulação de orações, usualmente se referem ao traço *dependência* e empregam-no como um critério na identificação das diversas estratégias de combinação. Uma vez que se trata de um traço de natureza formal, era de se esperar que o *continuum* dos processos de articulação fosse segmentado em pontos similares. A análise das propostas tipológicas de alguns autores revela, todavia, que tal não é o caso. Neste trabalho, cotejo, na primeira parte, algumas abordagens freqüentemente referidas – Halliday (1994), Matthiessen e Thompson (1988) e Foley e Van Valin Jr.¹ A seguir, na segunda seção, considero a maneira como as mesmas são retomadas, sob a perspectiva da gramaticalização, por Hopper e Traugott (1993). A conclusão é apresentada na terceira parte.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Confira, também, Van Valin Jr. e LaPolla (1997).

A ABORDAGEM FUNCIONALISTA: ALGUMAS PROPOSTAS

Halliday analisa as orações complexas segundo duas dimensões: tipo de relações semântico-funcionais e dependência. O sistema da interdependência, ou sistema tático, inclui a *parataxe* e a *hipotaxe* e aplica-se a todos os complexos, sejam palavras, grupos, sintagmas ou orações. Hipotaxe é uma relação entre um elemento dependente e seu dominante, “the binding of elements of unequal status” (1994, p. 221) enquanto parataxe é uma relação entre elementos com estatuto igual, “the linking of elements of equal status” (1994, p. 221), um iniciando e o outro continuando a seqüência. As orações paratáticas, em princípio, são simétricas e transitivas, enquanto as hipotáticas são assimétricas e não-transitivas.²

A primeira dimensão, isto é, a das relações semântico-funcionais que constituem a “lógica” das línguas naturais, inclui a *expansão* e a *projeção* e é específica das relações inter-oracionais. A projeção e a expansão, por seu turno, incluem subvariedades. Com referência à última, a oração secundária expande a primária por *elaboração*, *extensão* ou *realce*.³ Com respeito à primeira, a oração secundária, projetada através da primária, pode instanciar uma locução ou uma idéia.⁴

Os Quadros 1 e 2, reproduzem as duas dimensões, ilustradas por alguns dos exemplos oferecidos por Halliday.⁵

O Quadro 1, uma adaptação de outros fornecidos pelo autor, é apenas uma pálida amostra da abordagem de Halliday. Por razões de espaço, deixa de reproduzir a sistemática distinção entre orações finitas e não-finitas e também ignora a contribuição dos juntores, quando da diferenciação entre mecanismos paratáticos e hipotáticos. Não obstante as lacunas, a consideração dos dois quadros permite a ilação de certas propriedades da proposta em tela. Interessa-me ressaltar o tratamento exaustivo de todas as estratégias de articulação de orações e, principalmente, as conseqüências acarretadas pela inclusão consistente das relações lógico-semânticas quando da classificação dos mecanismos de articulação de orações. A esse respeito, gostaria de salientar três pontos:

² Tanto a primeira oração de uma seqüência paratática quanto a oração dominante em uma seqüência hipotática são denominadas *primárias*. As orações que sucedem as primárias de uma seqüência paratática e a oração dependente de uma seqüência hipotática são chamadas de *secundárias*.

³ De acordo com Halliday, uma oração secundária expande uma primária por *elaboração* ao parafraseá-la, especificá-la em maior detalhe, comentá-la ou exemplificá-la. A glosa para essa relação é ‘i. e.’. Vale lembrar que cada um desses processos pode incidir ou sobre a oração como todo, ou sobre alguma porção dela. Uma oração secundária expande uma oração primária por *extensão* quando lhe acrescenta um novo elemento, fornece-lhe uma exceção ou lhe oferece uma alternativa. Os itens ‘and, or’ constituiriam as glosas para essa relação. Uma oração secundária expande uma oração primária por *realce* quando a qualifica com algum traço circunstancial de tempo, lugar, causa ou condição. As glosas para essas relações são ‘so, yet, then’.

⁴ *Locuções*, para Halliday (1994), são construções de palavras e *idéias*, construções de significado (p. 220).

⁵ Excluí do quadro os símbolos empregados por Halliday para sinalizar o tipo de interdependência sintática e subvariedades das relações semântico-funcionais.

Quadro 1

	Clause complex		Embedding
	Paratactic	Hipotactic	
Elaboration	John didn't wait; he ran away.	Jonh ran away, which surprised everyone.	The man who came to dinner stayed for a month.
Extension	John ran away, and Fred stayed behind.	John ran away, whereas Fred stayed behind.	The people whose house we rent.
Enhancement	John was scared, so he ran away.	John ran away, because he was scared.	The scar which was formed where the bullet entered. The reason I like her is she doesn't have favourites.
			Threatening people will get you nowhere. I heard the water lapping on the crag.

Fonte: Halliday (1985, p. 270).

1. a consideração sistemática da dimensão lógico-semântica confere um tratamento sintático às reproduções do discurso direto, indireto e indireto livre, resgatando-as, portanto, do limbo sintático a que são relegadas pela abordagem gramatical tradicional;
2. a classificação dos discursos indiretos como estratégias de hipotaxe, e não como encaixamento, não é endossada por mim, já que confere um tratamento sintático diferenciado aos complementos oracionais de verbos *dicendi* e de *atividade mental*, por um lado, e complementos oracionais de verbos de *percepção* e verbos *causativos*, por outro lado;
3. a inclusão do eixo lógico-semântico, por fim, fornece respaldo à intuição de que uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias sintáticas (posição já assumida por vários pesquisadores brasileiros (Cf. Gryner 1995, Paiva 1998, Braga 1995, Lima-Hernandes 1999, entre outros) e desarticula a correlação, sustentada pela abordagem tradicional, entre tipo de oração e tipo de relação semântica, sinalizada, sobremaneira, pelo conectivo que encabeça a oração.

Quadro 2

Rank orientation taxis	Clause complex			Nominal group			
	Quote		Report	Embedded as postmodifier		Fact	
	Paratatic		Hypotatic			As Head	
Locution verbal	Proposition	'It is so,' he said.	It was so, he said.	He said that it was so.	His assertion that it was so	The saying that it is so	(It is said) that it is so
	Proposal	'Do so!' he told them.	They should do so, he told them.	He told them to do so.	His order to them to do so	The stipulation to do so	(It is stipulated) to do so
Idea mental	Proposition	"It is so," she knew.	It was so, she knew.	She knew that it was so.	Her knowledge that it was so	The fact that it is so	That it is so
	Proposal	'Do so', she said to herself.	She would do so, she decided.	She decided that she would do so.	Her decision to do so	The need to do so	To do so
		'direct'	'free indirect'	'indirect'	indirect qualifying	impersonal qualifying	impersonal

Fonte: Halliday (1985, p. 270).

Matthiessen e Thompson (1988) remetem a Halliday e se valem do rótulo *hipotaxe de realce*, mais adequado para eles do que subordinação, uma vez que livre das conotações associadas ao último termo. A utilização do rótulo não significa, todavia, uma adesão estrita à proposta do lingüista inglês. Com efeito, para os dois primeiros autores, encaixamento inclui, além das orações relativas restritivas, os complementos oracionais que funcionam como sujeito e objeto. Recorde-se que, para Halliday, a categoria *encaixamento* compreende, além das orações que funcionam como pós-modificadores, apenas aquelas denominadas *atos* e *atos*.

Matthiessen e Thompson, baseados em critérios semânticos e posicionais, sustentam que as chamadas orações *adverbiais* não constituem instâncias de subordinação. Além de estarem privadas do traço *encaixamento*, sua paráfrase por um SPREP fornece uma nominalização e não um nome comum.⁶ Acrescente-se que elas po-

⁶ No exemplo a seguir, fornecido pelos autores em pauta, *Before leaving Krishnapur, the Collector took a strange decision*, a oração sublinhada é parafraaseável por *Before his departure from Krishnapur*, uma nominalização, isto é, "uma metáfora que apresenta um evento como uma entidade". (Matthiessen e Thompson, 1988, p. 280)

dem se agregar a um conjunto de orações e não apenas a uma oração-núcleo,⁷ circunstância que impede que se identifique a oração da qual seriam um constituinte.

A meu ver, a superposição mais interessante entre a proposta de Halliday, de um lado, e de Matthiessen e Thompson, de outro, diz respeito às motivações pragmático-discursivas das construções hipotáticas. Para os dois últimos, elas representam a gramaticalização das unidades retóricas que constroem o discurso. Vale lembrar que gramaticalização é aqui concebida na acepção lata, aquela que contempla as forças e maneira como as formas e construções gramaticais emergem, são utilizadas e formatam a língua (Hopper e Traugott, 1993). Halliday (1994), por seu turno, salienta que

the clause complex is of particular interest in spoken language, because it represents the dynamic potential of the system – the ability to “choreograph” very long and intricate patterns of semantic movement while maintaining a continuous flow of discourse that is coherent without being constructional. (p. 224)

Cumprir acrescentar que para Thompson (1984) a categoria *subordinação* é problemática. Segundo ela, ao investigarem os processos de combinação de orações, os lingüistas se valem do conceito de subordinação, não explicitando, todavia, as propriedades e tipos de construções abarcadas por ele.⁸ Na melhor das hipóteses, sob tal rótulo incluem eles as ocorrências de orações não-principais, sem oferecerem critérios que facilitem o reconhecimento das “principais”.

Foley e Van Valin Jr. (1984), por outro lado, defendem que a investigação e compreensão da grande variedade de processos de vinculação (*nexo*) requer um modelo diferente daquele que repousa sobre a oposição coordenação vs. subordinação. Sugerem, então, uma classificação tripartite, que inclui, a par de *subordinação* e *coordenação*, a *co-subordinação*. A identificação de cada tipo se faz mediante a combinação dos traços *encaixamento* e *dependência*, propriedades que podem se superpor, embora sejam distintas. Ressaltam, também, a importância de se distinguir *juntura*, que tem a ver com nível da cláusula – núcleo, *core* e periferia – e *nexo*, que tem a ver com o processo de junção:

It must be emphasized from the outset that nexus and levels of juncture are independent parameters in clause linkage. A given type of nexus, e. g. coordination, may occur at all three levels (nuclear, core, and peripheral), and conversely, at a given level of juncture, e. g. peripheral, all of the nexus possibilities to be discussed above are found. Thus the level and type of linkage must be carefully distinguished. (p. 238)

⁷ Matthiessen e Thompson reservam o rótulo *núcleo* para a oração a que se ligam as chamadas orações adverbiais. Corresponde à oração primária de Halliday.

⁸ Postura igualmente lúcida pode ser encontrada em Van Valin, Jr. e LaPolla (1997) para quem “the traditional contrast between subordination and coordination seems to be very clearcut for languages like English and its Indo-european brethren”. (p. 448)

Os mencionados tipos de nexos são assim caracterizados:

1. Coordenação: [-encaixamento] [-dependência]. Os dois juntos são independentes, a relação entre eles é de todo-todo. Daí o fato de cada um poder ter sua própria força ilocucionária e ser especificado, independentemente, quanto a outros operadores como evidenciais, tempo, etc.
2. Subordinação: [+ encaixamento] [+ dependência]. Um dos juntos está encaixado no outro e a relação entre eles é parte-todo. O junto subordinado codifica informação de “fundo” e não pode ser especificado, independentemente, quanto a força ilocucionária.
3. Co-subordinação: [-encaixamento] [+ dependência]. Os dois juntos não estão em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de dependência no que diz respeito a força ilocucionária e tempo absoluto.

Uma vez considerados os tratamentos oferecidos por Halliday, Matthiessen e Thompson, e Foley e Van Valin, Jr., passo a abordar os mecanismos de junção sob o enfoque da gramaticalização apresentado em Hopper e Traugott (1993).

O TRATAMENTO DE HOPPER E TRAU GOTT

Aspectos das propostas referidas acima são recuperadas por Hopper e Traugott⁹ (1993) que reinterpreta e reutiliza os pares *subordinação/coordenação* e *parataxe/hipotaxe*.¹⁰ Segundo eles, as orações complexas, unidades constituídas por duas ou mais orações, poderiam ser distribuídas ao longo de um *continuum* com três pontos – parataxe, hipotaxe e subordinação, conforme pode ser visualizado abaixo:

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento
- dependência		+ dependência		+ dependência

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p. 170).

A parataxe compreende tanto as seqüências nas quais as orações-núcleo¹¹ se justapõem uma às outras, desde que sob um mesmo contorno entonacional (justa-

⁹ Esses autores mencionam, ainda, Shopen (1985), Haiman e Thompson (1988), Austin (1988), Lehmann (1988), entre outros.

¹⁰ De acordo com os autores o par *parataxe/hipotaxe* remonta à tradição do século XIX, segundo a qual a parataxe incluiria todos os casos de justaposição e a hipotaxe, os de subordinação. O par *coordenação/subordinação*, de introdução mais recente, é definido formalmente em termos de estrutura de constituintes. (Hopper e Traugott, 1993, p. 170)

¹¹ As orações-núcleo distinguem-se das orações-margem porque podem ocorrer por si mesmas; estas, por sua vez podem exibir diferentes graus de dependência.

posição), quanto aquelas nas quais um elemento segmental sinaliza a relação entre elas (coordenação). Contrapõe-se à subordinação que se caracteriza pela total inclusão de uma oração-margem em uma oração-núcleo. A subordinação e a hipotaxe compartilham uma propriedade – dependência – e diferenciam-se pelo traço encaixamento: apenas a oração subordinada é um argumento oracional de outra oração. O lugar de inserção das orações adverbiais, estratégia de subordinação para Foley e Van Valin Jr. (1984) e de hipotaxe para Hopper e Traugott (1993), representa uma das diferenças entre as duas propostas.

A explicitação do elo entre as orações da oração complexa, por sua vez, varia segundo o processo de junção, como pode ser verificado no quadro abaixo:

parataxe	hipotaxe	subordinação
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo		margem
integração mínima		integração máxima
elos maximamente explicitados		elos minimamente explicitados

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p. 171).

A proposta que acabei de mencionar remete a Givón (1979) que, no final da década de 70, defendeu a existência de dois modos comunicativos diferentes – o pragmático e o sintático¹² – e postulou uma relação diacrônica entre eles. As construções mais compactadas e integradas, típicas do chamado modo sintático, teriam surgido por via de sintaticização das construções paratáticas, típicas do outro modo. A maior vinculação sintática entre as orações que formam a oração complexa, por sua vez, constituiria um reflexo da integração semântico-pragmática dos eventos codificados por elas. Em obra mais recente, ele especifica, sob forma escalar, a correlação entre o tipo semântico do verbo e o complemento oracional requerido por ele. (Ver Quadro 3)

Vale lembrar que os referidos Foley e Van Valin Jr. também aderem à hipótese da iconicidade diagramática. Afirmam que “In mult clause construction, then, the closeness of semantic relationship correlates with the tightness of the syntactic link between clauses” (1984, p. 268) e oferecem as hierarquias¹³ apresentadas no Quadro 4.

O modelo de Hopper e Traugott, conjugado ao eixo das relações lógico-semânticas de Halliday e à aceitação de que uma mesma relação semântica pode ser

¹² O modo pragmático caracteriza-se, entre outros aspectos, por ligações frouxas entre os elementos de uma construção e morfologia empobrecida, enquanto o modo sintático, pela presença de subordinação e uso elaborado de morfologia gramatical. Em consonância com essa hipótese, o autor sustentava que o sujeito seria uma reanálise de tópicos frasais, que as orações relativas emergiriam de orações tópicas, que os complementos sentenciais no Hebraico Bíblico se explicariam como uma reanálise de adendos, sob forma de uma oração, a um nome previamente mencionado.

¹³ As diferenças em relação ao modelo de 1997, em Van Valin Jr. e LaPolla são pequenas.

Quadro 3

	Semantic scale of verbs	Syntax of COMP-clause
	She let go of the knife	Co-lexicalized verb
Successful causation	She made him shave She let him go home She had him arrested	Bare verb-stem comp
Intended manipulation	She caused him to switch jobs She told him to leave She allowed him to leave She wanted him to leave She expected him to leave She'd like him to leave	Infinitive comp
Preference aversion	She'd like for him to leave	For-to comp
Epistemic uncertainty	She suggested that he leave She wished that he would leave She agreed that he could leave She preferred that he leave She hoped that he might leave She was afraid that he might leave She thought that he might leave later	Modal-subjunctive comp (deontic) (epistemic)
Epistemic certainty	She knew that he left	Indicative comp
Direct quote	She said: "He left"	Direct quote comp

Fonte: Adaptado de Givón (1995, p. 125-126).

codificada por diferentes estratégias sintáticas, oferece um tratamento mais adequado aos processos de combinação de orações. A esse respeito, considerem-se as várias codificações da relação de tempo, coletadas em Lima-Hernandes (1999) e Braga (1999):

(1) **Parataxe:**

Justaposição:

Ela... *o cachorrinho morreu*, ela enterrou encostadinho na parede nossa aí.

(Port. Pop.)

Quadro 4

Co-subordinação nuclear	Causativa
Coordenação nuclear	Modalidade
Co-subordinação <i>core</i>	Psico-ação
Subordinação <i>core</i>	Jussive
Coordenação <i>core</i>	Complemento de percepção direta
Co-subordinação periférica	Complemento de discurso indireto
Subordinação periférica	Oração adverbial de tempo
Coordenação periférica	Condicionais
	Ações simultâneas
	Superposição de ações sequenciais
	Não superposição de orações sequenciais
	Ação-ação: não especificada

Coordenação

F: ... duas cenouras descascada e partida miudinha, não?

E: Humhum.

F: *Aí* bota meio copo de óleo... *Aí* você bate no liquidificador e depois você tira e bota numa vasilha, bota farinha de trigo (NA-1, PEUL)

(2) Hipotaxe

Eu fico com remorso até de comer o pão, *quando eu como*. (Rio/DID)

... *quando a gente viaja*, a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes (Rio/DID)

(3) Subordinação

Não tem ninguém para servir o café pra ele na *hora que ele levanta* (SP/EF)

Do ponto de vista defendido por Hopper e Traugott, essa diversidade formal não é aleatória, já que cada processo de combinação – parataxe, hipotaxe e subordinação – corresponde a um grau diferente de gramaticalização. O fato de nem todas as relações semânticas disporem de codificações sintáticas correspondentes a cada ponto do *continuum* não constitui problema. Com efeito, o processo de gramaticalização pode se interromper a meio do caminho, antes que as formas alcancem os estágios mais avançados.

A meu ver, no entanto, a proposta de Hopper e Traugott deveria ser ligeiramente alterada de maneira a conferir um tratamento mais sistemático às orações reduzidas. As orações de gerúndio, participio e infinitivo têm sido, tradicionalmente, consideradas como estruturas subordinadas,¹⁴ provavelmente em virtude do traço dependência. Quando se trata, porém, do traço encaixamento a situação é mais deli-

¹⁴ Confira, porém, Haiman (1985).

cada, já que ele não recorta uniformemente essas orações. A título de exemplo, considere-se a noção de finalidade: no discurso oral, tende a ser, prototipicamente, codificada por oração de infinitivo vinculada à oração-núcleo, instanciando, portanto, uma estratégia hipotática:

- (4) Inf.: ... eu não vou ao cinema *para me divertir*? Então, vou ao teatro *para me divertir*. (DID,SP, 234)

Todavia, como mostra Azevedo (2000), esse tipo de oração pode ser encaixada em SVs ou em outros constituintes da matriz, principalmente no registro escrito, como é exemplificado abaixo.

- (5) Foram as bandeiras e as entradas, expedições que penetraram no sertão, as guerras com os espanhóis e outros acontecimentos que concorreram *para dar ao Brasil a grande extensão que atualmente possui*. (Hermida, *apud* Azevedo, 2000, p. 135)
- (6) Começamos a existência autônoma devendo aos ingleses. E isso foi apenas o início do longo e tortuoso processo de empréstimos *para pagar empréstimos*, que acompanhou a nossa história desde o século XIX. (Sodré, *apud* Azevedo, 2000, p. 138)

Os exemplos acima mostram, portanto, que o estatuto das orações reduzidas de finalidade pode variar: elas serão consideradas ora como estratégia de subordinação, ora como estratégia de hipotaxe. Em outras palavras, o traço encaixamento não delimita de forma sistemática uma mesma classe formal de orações.

Uma última consideração diz respeito ao princípio da unidirecionalidade, que, em se tratando dos processos de combinação de orações, tende a ser desrespeitado (Cf. Hopper e Traugott, 1993). O que parece estar em jogo aqui, porém, é uma discussão maior, aquela que concerne à contribuição do princípio para a compreensão dos fenômenos de gramaticalização, as vantagens ou desvantagens que possam advir de sua aplicação sistemática a esse campo do saber lingüístico. Trata-se de uma discussão mais ampla que transcende, portanto, a preocupação com os processos de combinação de oração.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, inicialmente, considereirei algumas tipologias, de cunho funcionalista, dos processos de junção de orações (Halliday, 1985; Matthiessen e Thompson 1988; Foley e Van Valin Jr, 1984). A seguir, mostrei como aspectos delas eram re-interpretados sob a ótica dos estudos sobre gramaticalização, salientando as vantagens dessa nova abordagem.

ABSTRACT

In this article, I investigate the processes of clause combining. Firstly I analyze the typologies of clause complex developed by Halliday (1985), Matthiessen and Thompson (1988), and Foley and Van Valin Jr. (1984) and the parameters used by these authors. Then I consider the same processes under the approach of grammaticalization, as presented in Hopper and Traugott (1993).

Referências bibliográficas

AUSTIN, P. **Complex sentence constructions in Australian languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

AZEVEDO, J. L. F. **A expressão de finalidade no português**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000.

BRAGA, M. L. As orações de tempo no discurso oral. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 28, Campinas, Unicamp/IEL, 1995. p. 85-97.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GRYNER, H. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 28, Campinas, Unicamp/IEL, 1995. p. 69-83.

HAIMAN, J. **Natural syntax: iconicity and erosion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. "Subordination" in universal grammar. In: BRUGMAN, Macaulay *et al.* **BLS**, n. 10, p. 510-523.

HALLIDAY, M, A. K. **An introduction to functional grammar**. Great Britain, Edward Arnold, 1985.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p.181-225.

LIMA-HERNANDES, M. C. **Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no português do Brasil.** São Paulo, FFLCH/USP, 1999. (Dissertação, Mestrado).

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 275-333.

PAIVA, M. C. Da parataxe à hipotaxe: uma trajetória do português de contato. SEMINÁRIOS DO GEL, 27. **Anais...** São José do Rio Preto, 1998. p. 57-63.

SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

THOMPSON, S. A. "Subordination" in formal and informal discourse. In: SCHIFFRIN, D. (Ed.). **Meaning, form and use in context: linguistic applications.** Washington D. C.: Georgetown University Press, 1984. p. 85-94.

VAN VALIN JR., R.; LAPOLLA, R. J. **Syntax: structure, meaning and function.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.